

monio da lascívia, o monstro capaz de todas as torpezas, como pintavam-o os diários de Burchard; diante dos manuscritos da Bibliotheca Nacional. Ulysses Robert proclama a Calixto II como uma das mais fulgentes glórias de França; Xisto V, o Pontífice indomavelmente energético, o político consummado, rival dos reis, alma de maior altivez que a do filho de Carlos V, consoante Voltaire, vulto que *sous le pompeux éclat d'un triple diadème* (Henriade) eleva-se muito além dos seus contemporâneos, encontra hoje nas obras do profundo barão de Hübner, escriptas em face de documentos, que duvida não soffrem, o imparcial veredictum, e sua vida tão cheia de incidentes, sua história tão preñha de acontecimentos grandiosos são estudadas à luz radiante da verdade, não ao frouxo clarão dos odios partidários.

Não admira, portanto, que a sciencia, que registra sem reboços, sem parcialidade os feitos dos membros mais salientes da grande familia humana, tenha buscado e conseguido apurar também o que de real existe n'uma chronica escripta em Mogúncia por Mariano Scoto, monge benedictino, no anno de 1083, mais de dois seculos, portanto, depois da epoca em que se diz occorrera o facto attribuido a esse Pontífice do sexo feminino, circumstancia, que merece mais justos e séveros reparos do que a Gaston Brissier mereceu o Galileo, Galileo, vencesse do apostata Juliano, segundo ha pouco li na «Revista dos dois Mundos» a proposito dos trabalhos de Adrien Naville e F. Rodé.

A fabula posta à conta do frade Sigeberto da Abadia de Gemblours no Brabante, que escreveu no anno de 1112, nas obras do arcebispo Martinho Polaco, fallecido em 1270, cento e oitenta e quatro annos depois da morte de Mariano, e aproveitada por outros, que a corrigiram de circumstancias ridiculas como por exemplo, a da cadeira escriptoraria (é a invenção a que se refere a epigrapha por mim escolhida) em que um exame devia ser feito ao Cardeal enviado ao pontificado, afim do sexo ser verificado e evitarem a reprodução do caso de Joanna, ou Ignez, ou Isabel, ou Angelica, ou Margarida, ou Dorothea, porque muitos são os nomes dados a successora de Leão.

As pesquisas mais recentes tem conseguido desmorrar essa lenda, que fazia as delicias dos Centuriadores de Magdeburgo, Theodoro de Beze no Coll quito de Poissy (1561) e dos theologos inglezes do periodo Elizabethano, nom mesmo dão-lhe guarida os protestantes Leibnitz, Heumann, Boxhorn, Cave, Jurieu, Shock, Burnet, Bochart, Basnage, Courcel e tantos outros de alt

terio e vasta erudição.

Para não fallar nos mais, basta que eu transcreva as palavras do primeiro d'esses escriptores.

Diz Leibnitz: «acabo de pôr a limpo uma dissertação composta no tempo em que estudava a historia do seculo IX e me occupava muito de discussões chronologicas. Intitulei-a *flores sparsi in tumultum Joannae papissae* — flores esparsas sobre o tumulto da papisa Joanna. Acabo de destruir n'essa obra a fabula da papissa, já confirmando as provas conhecidas, já lhes acrescentando novas. Derramo abundante luz sobre a chronologia desses tempos, que precisavam ser esclarecidos, e respondo aos ultimos argumentos de Frederico Spanheim, que emprehendia rehabilitar essa fabula n'um livro impresso ha annos na Hollanda.» (Opera, L. II, pag. 284, Epist. ad P. D. Bruces).

N'um antiquissimo Codigo de Martinho, que se conserva na Bibliotheca de Pariz, vê-se inserida à margem, por mão adultera, essa fabula decantada, como bem observou o protestante David Blondel, sabio professor de historia em Amsterdam, fabula que não se encontra também nos velhos exemplares de Mariano e Sigeberto bem como no antiquissimo Codigo de pergaminho, que se conserva na bibliotheca do Vaticano e que traz a chronica «De gestis summorum Pontificum et Imperatorum», e no autographo original de Mariano, encontrado por Waitz em 1844 no «Codex palatino-vaticanus» n.º 83, e publicado no tomo V dos «Monumenta Germanica» de Pertz pag. 481, donde se pode concluir que a existencia de João VIII é uma addicção feita aquelles autores por algum copista pouco escrupuloso, copista que hoje se sabe ter sido Jean Herold, editor de Basilea (1559).

Admittida a hypothese de que esses originaes não houvessem sido encontrados, acha por ventura alguma coisa difficil que mãos impuras acrescentassem passagens ou trechos aos manuscritos de Mariano e Martinho?

Julgal-o é desconhecer a intensidade, a violencia das paixões humanas quando ateadas pelo sopro das lutas religiosas, é recusar aos seculos de maior ignorancia, quando da imprensa nem se cogitava, a possibilidade de um facto tantas vezes denunciado em epheas de mais adiantada civilização, até no seculo actual, como, para não citar outros exemplos, aconteceu em 1825 com a Historia de France do erudito Lorient.

Então fazia-se preciso excitar a animadversão do povo francez contra as ordens religiosas, e, pois, a imprensa anticatholica, tendo á sua frente o CONSTITUTIONNEL, começou a espalhar que a obra historica do

coez calumniosas contra os Bonapartistas.

Lorient protesta, seus amigos provocam os denunciadores para que cite a pagina em que se encontram as phrases a elle attribuidas e... continua a campanha da calumnia, e do jornal ella passa á tribuna do parlamento. graças á leviandade do deputado Passy, e ainda hoje ha quem nos falle do «Marquez de Buonaparte» e affirme que isso estava escripto na Historia de Lorient, porque um desalmado falsario n'um volume d'ella intercalara periodos destinados a ser arma de guerra contra um inimigo temido.

Porque nos seculos IX e X não poderiam existir Lorientes?

Ainda admittida a hypothese de que Mariano Scoto e o arcebispo de Gnesen houvessem escripto realmente o que se lhes attribue, resta explicar como historiadores contemporâneos, Anastasio o Bibliothecario, por exemplo, testemunha ocular das elições de Leão IV e Benedicto III (fiam-se as affirmativas de Panvinie os producentes argumentos de Blondel, Bayle e Sarran) Adon, Algenon, Flodoardo, Hincmar de Reims e Lobo de Ferrieres, contemporâneos de Benedicto, calaram-se sobre a papisa Joanna, como o fizeram dous gregos schismaticos do mesmo seculo, Phocio e Metrophano de Sinyrna; e como o fizeram igualmente Lambert, Schasnaburgo, Reginon, Raccourci, João Curopalita to que, todos, escreveram antes de Mariano.

Ha dois testemunhos, contudo, que não quero deixar no olvido: o de Hincmar, que representará, si quizerem, a egreja bel, e o de Phocio, anathematisado pelo Papa Nicolau, inimigo rancoroso da Santa Sé.

Diz o illustre arcebispo em carta ao papa Nicolau «Quando o pontífice Leão IV escreveu-me informando sobre os motivos que retardavam a confirmação dos actos do concilio de Soissons, soube que o imperador Lothario fazia intervir junto ao legado Pedro de Arezzo um bispo das Gallias, que ainda hoje vive, affirmando impedir que o Senhor Papa ratificasse os actos do nosso synodo. Por conselho de meus irmãos e bispos, nos quaes a respeito informei, mandei enviados á cidade de Roma; mas estes souberam em caminho da morte de Leão e quando chegaram encontraram promovido ao pontificado o Senhor Benedicto, verdadeiramente benedicto no nome e nos actos.» (Epist. XI. Pat. lat. tom. CXXVI)

Deixemos agora a verdade encobrir-se pelos labios do patriarcho schismatico. «Nossa egreja reconhece o nobre Pontífice Leão IV, cujos milagres em vida attestam a santidade; teve por successor seu anjo de misericórdia e caridade, que se

chamava Benedicto." (Lib. de Spiritu Santo, Patr. græc. tom. CII col. 376-377.)

Como se vê, amigos e inimigos dão-se as mãos para derrocar a fabula monstruosa, como a chama o protestante Jurieu, a mentira flagrante como se exprime Barthelemy.

Nos "Estudos religiosos, historicos", de Maio de 1869, citados no tratado de historia ecclesiastica pelo abbade Rivaux lê-se que: "Examinados os manuscriptos do *Liber Pontificalis* e das chronicas de Mariano Scotto, Martinho Polaco e Sigeberto de Gemblours, referidos outr'ora como os primeiros testemunhos da celebre tradição sobre a papisa Joanna, se conhece com evidencia que as palavras relativas a essa tradição foram introduzidas por copistas do seculo XIV ou XV ou pelos primeiros impressores dessas chronicas."

Benedicto III succedeu immediatamente a Leão IV, eis o que a historia tem concluido depois de rigorosa devassa; para essa conclusão concorreu até a numismatica, descobrindo medalhas cunhadas em 855 com as effigies de Benedicto e do imperador Lothario I. que morreu em Setembro d'aquelle anno.

Affirmar o contrario é ser réo de ignorancia crassa, como diz Muratori (Annaes de Italia), é apregoar um conto vulgar, motivo para zombarias e escandalos, indigno do exame da critica, como se exprime Cezare Cantù.

Envio os que desejam ter amplas, completas informações sobre o assumpto aos escriptores: Panvinio, "Annotações e vidas dos summos Pontifices"; A sio, "Confutazione fabulæ Joannæ Papissæ"; George Sherer "Une femme n'aura jamais été pape", publicada em 1586 em Vienna e no mesmo anno em Veneza por Violito; Philippe Lebbe "Cenotaphio Joannæ Papissæ" t. m. VIII; Joannis Abbatii, na obra intitulada "De Joannæ Papissæ fabula comitio" Roma 1630; Garampi, Nummo argenteo Benedicti III, Carlo Blasch "Die rita de Joannæ Papissa, seu de ejus fabulæ origine"; Ludovico Richeomi "Erreur Populaire de la Papesse Jeanne"; Francisco Pagi "Dissert. de Joannæ Papissa."

Recomendo igualmente as notas do professor d'Alzog, o dice. de erudição historico-ecclesiastica de Moroni e os bellos artigos de Darras, Barthelemy, Chantrel Rivaux, os quaes todos ponho a disposição de quem delles quizer aproveitar-se.

DR. G. STUART.

SUSPIRANDO

Ai, sempre a suspirar, volvendo os olhos
Para o lado da casa onde ella mora!
Quem sabe—digo assim—se o meu affecto
Outro affecto o recorda alli n'esta hora?!

Si a saudade, que sinto dentro d'alma,
O desejo incessante de fitar-a...
A magia, que meus olhos escravisa...
A doce commoção lh'ouvindo a fallar...

Ai, si o mesmo ella sente, ou si o desprezo
É a sorte d'este amor que me devora?!—
Murmuro a suspirar, olhando triste
Para o lado da casa onde ella mora!

Meu Deus! E meu amor fora o oásis,
Que salva o transviado no deserto,
Entre o gelo dos Alpes quente abrigo
A quem anda perdido, exausto, incerto!

A seu lado os meus risos voltariam,
Dos olhos o fulgor... almos olhares...
No seu collo innocente os magos sonhos,
E as tardes de visões e de scismares!

E, poeta outra vez, descantaria
Versos ardentes qual cantei outr'ora!...
Ai, murmuro e suspiro, olhando triste
Para o lado da casa onde ella mora!

J. ...

SONETO

Das Cecílias

Era um casal—dous pombos venturosos
na moita umbrosa estrelecendo o ninho,
beijando-se nas bordas do caminho
viam-nos sempre os lobos invejosos

Feito o ninho de fios amorosos
—élos do amor, do affecto e do carinho;
Passou a Inveja—o caçador damnhinho
que tem nos olhos dardos venenosos,

Apontou para o par meigo entendiado,
com o arcabuz maldito envenenado
no ciume e na atroz maledicencia...

Partiu a bala e o pombo assassinado,
rolou no espaço morto inanimado!
E tu voastes pomba de innocencia.

PERY

Abril - 87.

Apontamentos esparsos

II

Uma escola artistica ou litteraria, nascida de certas condições determinantes em um povo, pode florescer entre um povo diverso, por mero espirito de emulação, sem vida propria, brilhando um momento fulgurantemente, viciando quasi sempre alguma organização superior, como aconteceu no Brazil com Alvares de Azevedo e Junqueira Freire.

Com effeito, esses dous vultos de nossa litteratura são tão estranhos à sociedade em que viveram à indole e ao caracter do nosso povo e à mentalidade brasileira do seu tempo que apenas fulguraram com uma luz emprestada as suas produções foram determinadas por motivos estranhos a nossopaiz. Si o segundo foi, por que affectavam a individualidade, o primeiro lido facilmente para a esculptura, e... adaptava-se ao seu estado psychologico, o

primeiro não achou senão no estrangeiro as determinantes para escolher a senda que adoptara. A sua idiosyncrasia não é filha da America; ella era entre nós verdadeiramente phenomenal; constituiu-se, por assim dizer, artificialmente, à força da influencia dos byronistas e mussollistas.

Aquella época e aquella parte da mocidade brasileira que foi arrastada, fascinada pelo radiar d'aquelles dous talentos superiores, um dia passarão a ser consideradas um accessório, um ligeiro incidente na historia da litteratura brasileira, onde foram flores exóticas inacclimatáveis.

Não era aquelle o tempo do nosso scepticismo litterario, os nossos verdadeiros Byrons não de ter outra physionomia, quando tiv- rinos uma litteratura, que seja filha da nossa sociedade e não hospeda della.

Um facto diametralmente opposto ao que se deu em nossa litteratura é o que se observou na litteratura russa.

Si alli o scepticismo romantico teve uma acção mais intensa e demorada, mais accentuada, si elle produziu individualidades litterarias pelo menos tão vigorosas como no occidente da Europa teve tambem uma vida propria, caracteristicos particulares, que mostram não ter sido elle um mero producto da influencia es-

Já se tem tentado ou procurado fazer diversas vezes o parallelo de Puchkine e Lermontoff com os seus da escola correspondente na Europa, mas a comprehensão que no mundo latino se tem do espirito que anima a litteratura slava não tem sido sempre a mesma, ou, para melhor dizer, de vacillante, vaga, que era tem se accentuado consideravelmente nos ultimos tempos.

Para occidente, só à luz das recentes manifestações do genio slavo, e estas brilhantes expansões, que tem-se imposto a todas as litteraturas vizinhas é que podem ir sendo estudadas e devidamente comprehendidas as anteriores phases da litteratura russa.

Não somente o scepticismo de Puchkine e Lermontoff é profundamente sincero, como é perfeitamente filho da sociedade russa. De Byron elles receberam apenas o encaminhamento. Em *Petchorin* (1) o Child-Harold de Lermontoff, a Russia reconhecia um personagem que frequentemente encontrava, um typo quasi vulgar, o seu *blasé*. Os homens e as cousas, que elle vê por um prisma byroniano, as paixões, os sentimentos, que provocam a sua misanthropia, tudo é essencialmente russo, tudo elle achou em torno de si.

(1) Protagonista do principal romance de Lermontoff.

Child-Harold ou Byron precisavam sair de seu paiz e ir procurar as modalidades de seus sentimentos pelas regiões meridionaes da Europa.

Resumindo, o espirito de Byron formou-se ou consolidou-se nas suas peregrinações, os seus assumptos são todos estrangeiros (don Juan, Lara, Beppo, Corsair, Parisina, Bride of Abydos etc.). Em Puchkine e Lermontoff já existiam as tendências mais poderosas, a melhor idiosyncrasia quando lá chegou o echo do byronismo, que foi para o primeiro uma especie de Eureka.

O segundo parece ter comprehendido ainda melhor a identificação daquella escola com o caracter e a sociedade russa.

Não é o simples *blasé* do occidente, leviano, egoista, considerando-se extranho, superior, excepcional no seu meio, o que os moscovitas nos revelam. É um observador meticoloso das misérias e do coração humano, um pessimista convicto e consciencioso. É o germen abortado de um perfeito nihilista.

JOSÉ CARLOS JUNIOR.

ESTATUETAS

III

Celeste ondina, loira, tenue, nua,
Alma do bardo ao lago azul desliza,
Rufando as azas languida fluctua,
Zenuphar que desbrocha a fresca
(brisa.
—rrompe às vezes d'alma o verbo
(forte
Coda-a hyperbole azila o pobre es-
(cravo
Libertador de lei na luta bravo
—ndio de sangue goitacaz do Norte.

Para delinear este busto em barro nacional, em argila propria, de sob os cáriei os das quintas onde nasceram Iracema e Porangaba, eu precisaria de lavas vulcanicas, si não tivesse a probabilidade de conseguir o moldal-a sob o soberbo raio solar que aquece o nosso humil' atelier.

Ha nos contornos desta estatueta uma difficuldade enorme a vencer: —é a originalidade especial de sua materia prima.

Um individuo cujos traços physionomicos, sympathicos ou antipathicos se observem phrenologicamente, pode dar sem probabilidade contra uma de achar-se a idéa exacta de sua propriedade physiologica.

Esta estatueta está neste caso; isto é, sob a analyse do mais acurado estudo e da mais severa observação será ainda difficilissimo achar a sua verdadeira composição animal

ou mineral de que é construida. É, portanto, pela sua perspectiva que tentaremos descrevel-a.

Perfil mediano, flegivel e leve. Ao primeiro golpe de vista, temos ali um rapaz. Traje à moda, feições sympathicas, linhas correctas e expressivas. Fronte espaçosa, nariz aquilino, bigode curvo, olhos castanhos atravez do indispensavel *pence-nez* de vidros brancos, tudo isto sommado dá uma physionomia franca, alegre, accessivel e boa.

O porte é despretencioso mas convicto. Usa guarda-sol, essa columna forte de quasi todo o empregado publico.

Eis ali o typo.

Agora as habilitades accessorias.

Colloque-se-lhe ao lado esquerdo, o do coração, uma lyra em que dedilhe e cante estrophes magoadas como as arrulhadas endechas da quadra juvenil, dos sonhos de moço.

Uma lyra, um alaúde ou um violão onde repita o exilio, sob a tenda bohemia de estudante os saudosos cantos de recordações ingenuas do amanhecer da vida:

«Quando as vezes eu scismava
nas horas do escurecer,
elli apoiada em meu hombro
vinha ajudar-me a gemer,
e me fallava em tristezas
que nunca pude entender.»

On então o pancadismo bairrista da sua *viola de ronco*:

«Sou filho do Norte, do solo mais
(fertil
Das terras de lá
Da plaga onde a noite segreda a
(harmonia
e a lua é mais linda no céu de poesia
do meu Ceará.»

Ou cante, gemendo sob as tempestades d'alma, rufando os degradeiros recuerdos de Ilhá noita despedida onde o coração, ferido pela perfidia, arremessa corruscantes estrophes impellidas pela violencia do resentimento profundo como o espaço, em cujo vacuo luminoso se estilhaçam os verbos inspirados pela muza altiva:

«Adens, Ilhá, sei que morro
bem moço ainda, bem sei;
Não compr'endeste a grandaza
d'aquelle amor que te dei;
Busca das almas já gastas
a gloria que a tua almeja,
meu genio não mercadeja,
perdôa quome enganei.»

«Não te condoas da mim
que o meu orgulho se off'nde.
Eu sou a rocha altaneira
que o raio bate e não fende!
Como a flor que o sol desceora,

murchará teu riso pulchro,
da podridão do sepulchro
O ciro não te defende...

Nestes versos copiados algures
está estereotipado o sentimento do
nosso poeta.

Quem o lê nestes versos juvenis
vê-o ainda hoje assim,—franco, hy-
perbolico, lhano, affavel e sempre
camarada do rapazio do tom como
chama-nos a nós todos e a si pro-
prio.

Volvamos ao lado direito e collo-
quemos-lhe no punho cerrado e vi-
goroso o estopim e o facho de pe-
troleo do revolucionario. Elle foi
um dos dez grachos emergidos das
emanações sagradas do sangue de
Mororó e Carapinima; desses dez
que deitaram fogo, de uma vez, ao
pasto maldito da escravidão, fazendo
desapparecer as urzes e surgir a
seiva nova do trabalho livre em
meio da plena egualdade social.

Rodcemos o seu pedestal de uma
legião de cupins faminta de pão e
de luz, à procura dessa carta de li-
berdade nacta que elle inventou a-
brindo em seu grande coração um
farnel inexgotavel—o farnel da es-
mola rojada de sua nobre alma co-
mo o veio biblico ao povo de Moy-
sés.

Façamol-o nesta ultima posição
um ideal do Pelicano da legenda
rasgando o seio para nutrir os fi-
lhos.

E depois conservando-o heroe
com a proclamação dos factos no
pantheon denossa consciencia, le-
vantemol-a, a nossa estatueta em
pedestal proprio.

Venham livros, livros novos, be-
escriptos, prendas das nossas
cassas lettras, e, com a argam-
do jornalismo, levantemos o capi-
da nossa estatueta tão tosca ma-
tão veneravel como um vaso antigo
e alevantemol-a entre hurrahs de
enthusiasmo sobre este formoso ca-
pitel:

SONHOS DE MOÇO
HORAS DE RECREIO
VIAGEM A MARANGU.
VIAGEM AO INTERIO.

CIA.

Eis ahi uma base solida e sober-
ba, um capitel invejavel que eu ad-
miro e applaudo como sincero apre-
ciador.

PERY.

A CÔR MORENA

Ha muito quem tenha cantado ou
decantado outras côres:

—Garrett—a côr branca mas bran-
ca da côr da prata fosca ou fusca

E de ti, linda Branca, de ti bella,
Mimosa dama, tenra e delicada...

(D. BRANCA, Cant. 2, pag.)

—S. Rita Durão—a côr alva, mas
alva da côr da neve.

Paraguassú gentil (tal nome teve)
Beim diversa de gente tão nojosa:
De côr tão alva, como a branca neve,
E d'onde não é neve, era de rosa;

(CARAMURU', Cant. 2, Est. 78.)

—Gonzaga—a côr branca rosada—

Na tua face mimosa,
Marilia, estão misturadas
Purpureas folhas de rosa,
Branças folhas de jasmin.

(DIRCEU, Lyra 2.^a, pag. 11.)

—Camões—a côr de neve com u-
mas tranças douradas, retrato en-
cantador de Venus supplicante e
agastada aos pés do enamorado Pa-
dre Soberano. —

Os crespos fios d'ouro se esfarzi-
Pelo collo, que a neve escurecia.

(LUSIADAS, Cant. 2.^a, Est. 36)

O hespanhol, como todo hespa-
nhol—sempre loureiro, preferiu a
côr loura ou ruiva—

Mi guatar todas
En general;
Pero las rubias.
Mi guatar todas

...as Virgilio que era moreno, de
modesto que sempre foi, desdenhou
de todas as côres—

Melhor não fora o entono rufo

De Amarylles soffrer? Soffrer Me-
(rosos)
(nalcas;

em que és alvo e elle fusco? O lin-
(do Alexis,

Em côr não creias muito: a branca
(alfena

Cahe murcha, apanha-se o vacino
(escuro.

(Egloga 2.^a, Traducção de O. Men-
es, pag. 20.)

Si, porem, o mavioso cantor de E-
neas tivesse de decidir-se, decidida-
mente se decidiria pela côr morena,
essa linda côr que tanto enfeitou a
Castro Alves

Onde vaes á tardinha,
Mucama tão bonitinha,
Morena flor do sertão?

Minha Maria é morena
Como as tardes de verão;
Tem as tranças da palmeira
Quando sopra a viração.

A Cachoeira de Paulo Affonso,

Poema Original Brasileiro pag. 5 e
20.)

Quem em sua mocidade não leu a
«Moreninha» de Macedo? E uem
lendo-a, se terá esquecido da senti-
da balada de Ahy, cantada quotidia-
namente e á tardinha, pela desven-
turosa e joven amante, sobre o ro-
chedo, testemunha e confidente dia-
ria de suas maguas, com a vista
perdida no azul do mar e a mente
no ingrato Augusto?...

Eu tenho quinze annos
E sou morena e linda!
Mas amo e não me amam,
E tenho amor ainda.
E por tão triste amar
Aqui venho chorar.

(A Moreninha, pag. 127)

E não era para menos; pois o in-
grato, em vez de render-se a tantos
encantos e extremos, correspondia-
os com uma volubilidade crudelissi-
ma, de borboleta:—

N'um dia, n'uma hora,
No mesmo logar,
Eu gosto de ambr
Quarenta,
Cincoenta,
Sessenta:
Se mil forem bellas
Amo a todas ellas.

(A Moreninha, pag. 157)

Não assim Guerra Junqueiro; a-
mourou uma morena, e não só deu-lhe
a alma, vida e coração, como a ce-
lebridade, a immortalidade em sa-
crosanta consolação:—

E olha que foram
Morenas e bem
As moças mais lindas
De Jerusalem.
E a virgem Maria
Não sei... mas seria
Morena tambem.

Moreno foi Christo.
Vê lá depois d'isto
Se ainda tens pena
Que as mais raparigas
Te chamem morena!

(A «Musa em Férias, A «Morena»
pag. 113)

Mas, admira que Guerra Junquei-
ro, eleito com toda justiça, o primei-
ro poeta de Portugal, excepto Camões
(que já considerado divindade foi ex-
cluido do pleito entre mortaes); su-
perior a Alexandre Hercolano, aos
Castilho, e até a Garrett e Bocage,
ainda tenha duvida de que Maria
Santissima fosse morena!

isto só mostra que o autor da
«Morte de D. João» anda melhor in-
formado das cousas profanas do que
das religiosas.

Pois não tenha mais duvida que
a propria Virgem Maria quer co

tal se denomina no "Cantico dos Canticos", Cap. 1.^a, vers. 4:—

«Nigra sum, sed formosa, Alim Jerusalem; ideo dilexit me Rex, et introduxit me in cubiculum suum.»

(Tradução:—«Eu sou morena, mas formosa, ó filhas de Jerusalem; por isso o Rei me amou e me acolheu em seu cubículo.»)

Nem o permaneça em dúvida o emprego do "nigra", que vem nos dicionários latinos com a significação de negra; pois Carriera, Cantico dos Canticos, Tom. 4, Cap. 1.^a, vers. 4, Nota 4, interpretando esse adjectivo, diz:

«Vox hebraica—scechorah, significat—subnigram, seu fuscam, quasi dicat: Fator, fusca sum cute manuum et faciei, ut solant quæ ruri degant, et greges minant; verum facie sum lineali et lineamentis decoris, et totius corporis membris elegans et venusta.»

Tradução: «Voz hebraica—scechorah, que significa—morena ou fusca, como se dissesse; Confesso: tenho a cutis fusca (queimada) nas mãos e da facie, como acontece com aquellas que vivem no campo e apascentam os rebanhos; mas sou graciosa de rosto e de traços (feições) nobres, assim como totalmente elegante e bella do corpo»)

Ora, de Nossa Senhora disseram os Santos Padres:

«Meu Deus!... Vós podes crear um céu mais formoso, um sol mais brilhante, uma terra maior, um homem mais perfeito, diferentes creaturas, diversas maravilhas; porém vós jamais fareis uma virgem tão formosa, tão perfeita, tão excelsa, como é a Mãe de vosso Filho: «Majorem mundum facere potest, majorem matrem non potest.»

Mas, se Maria Santíssima era morena, a cor morena por consequente, é mais do que a cor humana por excellencia—é a cor celeste por excellencia; é mais do que a cor celeste por excellencia,—é a cor divina por excellencia. Deus mesmo, com todo o seu infinito poder, não podia inventar uma cor mais bonita! Foi a que escolheu para a sua dilecta Esposa e benedido Filho.

Por tudo isso tenho grande desgosto de José de Alencar ter, no seu "Guaçu", posto o nome de "Morena" em uma "egua," mãe do "Juca!"

PAULINO NOGUEIRA.

A BARATA E A VELA

(FABULA)

Conheci uma baratinha que abominava á luz tanto quanto adorava a escuridão.

Como todas as baratas, obrigada a viver entoupeirada, no fundo do bahú, só arriscava-se ao ar exterior á noite, quando a véla se extinguia.

Roia os bolsos dos meninos, que cheiravam a queijo e a bolo; roia um christo de massa, cujas mãos decepadas, ficavam como duas estrellas brancas nos braços da cruz; roia o sapatinho da Maricota, si untavam de oleo o couro de lustro; e (atrevida!), roeu o dedinho grande da pequena! —por modos que ao amanhecer, o pesinho mimoso, com uma pintinha em carne viva, doia, doia, e eu sentia aquillo no meu coração como si eu fosse a Senhora das Dores traspassada pelas sete farpas. Ruer aquelle pesinho que eu desejara cobrir de beijos, uma barata! o insecto mais repugnante que o sol cobre!

Outra vez, o nojento orthoptero poz-se a fazer tanta bulha atraz da mala, que a menina acordou.

Nodia segredos muito caladinha Maricota ariar o moovel até ao quintal, puxou a cadeira, e, chamando as gallinhas, ia desarrumando a roupa a procura da baratinha audaciosa.

Era com grande jubilo que eu via as baratas desaparecerem no bico voraz d'aquellas boas aves! Estava vingado. Mas a baratinha teria sido engulida?

Uma noite, eu lia o «Werther», e vejo uma traça sahir do lombo do livro. Quiz esmagal-a com o dedo. A traça respondeu que não havia roído o pesinho de ninguém.

—Ah, você sabe d'isso? —fiz eu empallidecendo.

—E até conheço a barata, —respondeu a traça pondo-se em pé.—Agora está descascando. Si me garante a vida entre os seus livros, dou-lhe

conta d'ella.

—Você tem a minha bibliotheca inteira! —disse eu toda generosidade.

Entretanto foram inuteis não só os planos da traça como os meus.

A menina por si mesma foi quem venceu a guerra. Executou a baratinha do modo mais pomposo deste mundo. Pihou-a, n'uma noite em que o insecto vojava advinhando chuva e pousava-lhe na face as azas catíngosas. A véla! a véla foi quem matou a barata, foi quem a denunciou aos grandes olhos negros da santinha. Olhe como a luz persegue aos criminosos!

Maricota, fazendo segurar o insecto pelo maninho, muito calma e risonha, corada como o pejo, tomou um coto de véla, chegou-o ao lume, e pingando cera quente na encreassa do bicho, que estremecia todo, pregou-lhe em cima o coto acceso.

Foi o espectáculo mais deliciosamente barbaro que já presenciei.

A baratinha acitou a esfuziar com o pharol acceso sobre o lombo, correndo como doideira, por debaixo das cadeiras, pelo meio da casa, pelos

corredores, e a meninada tras, n'uma grita sublime, até ao momento em que o fogo devorou-a toda, espalhando um cheiro ruim pela casa.

Ai que Nero que eu era ante aquella viva tcha ardente!

Sim, queridas meninas, innocencias pandegamente a coto de véla todas essas nojentas baratinhas que enquanto vós dormis o bello sonho da puberdade tentam roer o esperancoso pesinho com que ideis trilhar mais tarde o duro caminho da vida!

OLIVEIRA PAIVA.

MÃE DOLOROSA

Depõe um beijo louco e delirante
Na fronte inerte e pallida da filha
Q' acaba de morrer n'aquelle instante

Nocôo do seu amor, ah! já não brilha
A loura estrella fúlgida e radiosa
Q' acclarava da vida a escura trilha.

A pequenina bocca côr de rosa
Que desfolhava risos de innocencia
Stá agora gelada e silenciosa!

Do puro e doce olhar a transparencia
A morte perturbou impia e cruel
Ao ceifar em botão essa existencia.

Os beijos mais suaves do que o mel
Para a materna bocca sequiosa
Tem dos saibos da morte o acro fel.

O berço está deserto! A holicosa
E timida pombinha se evolou
Em busca de uma patria mais for-
(mosa.

A dor enorme o seio te rasgou
Oh! mãe afflicta; viste-a pequenina
Morrer como uma flor que se fanou.

Não chores! Como a estrella vesper-
(tina,
Que guia no deserto ao viandante
A' noute de tua alma, ella illumina.

A vida é uma dor lenta, incessante,
Que nos fere do berço á sepultura,
O prazer se esvaece n'um instante.

Feliz o que na idade calma e pura
Da infancia, vò a ás plagas eternas
Sem um golpe soffrer da desventura.

Feliz o que adormece entre os rosas,
O que morre da vida n'alvorada.
Sua alma como a pomba immaculada
Busca o ninho no céu! Não chores
(mais!

F. CLOTILDE.

LIVROS E FOLHETOS

Recebemos:

—*Discurso* proferido na Camara dos deputados pelo Dr. Alvaro Caminha, por occasião da discussão do orçamento do ministerio do imperio, sobre a questão lambesti.

—O n. 12 do *Brasil Illustrado*, que communica-nos o desagradavel proposito de desaparecer temporariamente da circulação.

mos

esta interessante publicação artistica e litteraria occupando na imprensa do paiz a brilhante posição, em que tem conseguido attrahir a universal sympathia do publico.

—*Libertador-Kermesse*, edição unica. E' uma contribuição para o monumento ao general Tiburcio.

Na 1.ª pagina vem a lithographia do inclyto general cearense, trabalho do habilissimo artista A. Vera-Cruz, do Recife, que em traços triumphantes reproduz com fidelidade o perfil d'aquelle homem illustre.

As 2.ª e 3.ª paginas trazem esmerado texto de poesias e artigos.

—O 1.º n.º do *Archivo Brasileiro*, revista de philosophia, jurisprudencia e litteratura, dirigida por Clovis Bevilacqua e João Alfredo de Freitas.

Pe a dar aos leitores idéa do valor litterario e scientifico transcrevemos o seu opulento suminario:

Clovis Bevilacqua: da concepção do direito como reflectora da concepção do mundo.

João Freitas: Exterioridade cultural do catholicismo brasileiro.

Dr. João Vieira de Araujo: Estudos juridicos italianos.

Dr. José Hygino: A superveniencia de algum filho legitimo do doador é uma causa da vogação commum a todas as doações inter-vivos.

João Freitas: Sobre a alma dos animes.

Desembargador J. M. de Freitas: Jurisprudencia dos tribunaes: Aggravo, execução.

Clovis Bevilacqua: Bibliotheca.

Conselheiro João José Pinto Junior: O espirito do direito romano, por Ihering.

—*Ensaio de critica*, paginas de litteratura por Alvaros da Costa, alumno da escola de direito do Recife.

Opportunamente firmaremos o nosso humillissimo juizo sobre o novo livro de critica moderna, que bem merece especial menção.

—*Revista Trimensal*, do Instituto do Ceará, n. 1.º—Fortaleza.

Estimavel repositório de estudos de historia e geographia desta provincia, a *Revista* franqueia tambem as suas paginas á poesia, á critica e a outras fórmas litterarias.

—*Revista Federal*, publicação do Club republicano Rio-Grandense do Sul—Rio de Janeiro.

Com o 3.º numero de seu 2.º anno de brilhante existencia reappareceu sobre a nossa banca de trabalho esta publicação periodica cuja visita ha muito não recebiamos.

Prestando valiosa contribuição a propaganda republicana no paiz, a *Revista Federal*, em lances de prosa de bello e energico estylo, estuda os diversos aspectos da politica empirica, que hoje triumphante no poder deprime as energias da vida nacional, e apresenta-nos em quadros assombrosos de verdado a face real do regimen monarchico-escravocrata, em sua nudez, sem a gaze diaphana da timidez e da conveniencia.

Revelando nitida comprehensão da verdadeira politica scientifica, a evolucionista, e movidos por magnanima corrente de synergia de austeros sentimentos patrioticos, os luctadores da *Revista* proclamam o advento da oportunidade de ser firmada no Brazil a republica federativa.

Na mais fraternal communhão de idéas, d'aqui fazemos

votos para que aquella folha em sua campanha de proselytismo republicano consiga estimular os indecisos e robustecer cada vez mais a nova fé nos seus adeptos, vendo assim premiado o esforço despendido nos fecundos ensinamentos que ora dirige ao povo. Este, quando adquirir a consciencia da sua propria força e comprehender a necessidade da substituição do regimen estreito que manietta o espirito de livre associação, a força da iniciativa individual, faz bancarrota de dinheiro e moral publica e esterylisa os nossos esforços para a opulência intellectual, moral e industrial do paiz, sancionará com o beneplacito de sua soberana adhesão à idéa que hoje apenas alguns espiritos privilegiadamente dotados de civismo pregam na imprensa.

ANNUNCIOS

CAFÈ JAVA

NO ELEGANTE KIOSQUE

DA
Praça do Ferreira

Em frente ao paço municipal.

Café fabricado a capricho.
Chocolate unico, como só aqui se fabrica.

Cerveja fria.

Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para o

CAFÈ JAVA

Manoel Pereira dos Santos

Motta Vieira & C.

88--Major Facundo--88

— FORTALEZA

Importadores e exportadores.

LOTÉRIAS CEARENSES GARANTIDAS

NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transfe-
rencia. Bilhetes à venda nas ca-
sas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.

LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso esmero, conquistando, assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES.

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.^{as} Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

SILVA CARNEIRO & C.

Importadores

CASA DE COMMISSÕES

ARMAZEM DE ESTIVAS

MERCEARIA

Generos de superior qualidade por todos os vapores, directamente.

Sortimento de vinhos finissimos.

Rua Formosa--72

Not. 5^o de Paris

LOJA DE MODAS E NOVIDADES
RUA DA BOA-VISTA N. 41

Este estabelecimento se acha montado com elegancia e luxo, recebe directamente de Paris, Hamburgo, Manchester e outras praças da Europa, todos os artigos de que se compoem o seu sortimento, podendo assim offerecer vantagens nos preços a todos os seus freguezes.

Especialidade em calçados de couro, chapéus e tecidos, novidades.

Enxovies para casamentos e baptizados

NABOR A. CHAGAS & C.
Ceará.

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

Joalheria. Relogios de todos os generos

Compram sempre ouro velho e moedas.

73--RUA DO MAJOR FACUNDO--73

CONFUCIO

Unico estabelecimento especial em artigos para

Uso domestico

Louças, vidros, mobílias etc. Objectos para viagens, brinquedos para crianças.

ARTIGOS PARA JOGOS

Utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc.

59--Rua do Major Facundo--59

GUILHERME ROCHA & C.^a

Druga-ria



Druga-ria

RUA FOI N.º

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

N. 17

FORTALEZA, 17 DE SETEMBRO DE 1887.

Alem disto annunciava-se o autor
 filiado na seita triumphante de Zola,
 o infatigavel e profundo ta, que,
 pouco inquietando-se lin-
 dres da postica pudici
 nos em relação di-
 personagens c
 eda conve da
 ora á pl mia, n de
 tons, p item-nos
 proprio organismo io s
 desenvolvimento gérn
 vicio hereditario na tri
 os res da d
 e a da d
 u s a
 nt s, 6

observação insignificantisimo.

Foi sugerido certamente por um excesso de zelo pela escola. Pagou seu tributo a este lado fraco do Zolismo.

Note-se porém, que pensando que arte deve desenvolver-se inteiramente independente da moral de convenção. Mas isto não significa que uma obra, em que se alie a beleza esthetica, a verdade, a correção, o respeito pela moralidade convencional e pelo bem, ceixe de atrahir mais vivas sympathias do publico; do grande publico que quer emoções agradaveis e delicadas, e é entre nós mais competente para ponderar o valor de uma qualidade moral do que para apreciar a justeza e originalidade de um producto artistico.

Particularidades incidentes como aquella, podem mesmo, em vez de amar ao effeito, de ser um recurso

d'arte, prejudicar o successo integral de uma obra e de nenhum modo com as suas notas cruas concorrer para desarmar a hostilidade do grosso do nosso publico contra a escola naturalista que ora se inicia aqui.

Devido talvez ao temperamento ou à idade do auctor, sahenta-se no *Hospede* um apressuramento febril em dar-se-lhe a ultima mão. Houve pressa em rematal-o.

Influiriam na modelação da obra as circumstancias do meio physico e moral e as condições pessoais do auctor?

O *Hospede*, inda que não seja uma dessas obras programma, rijas, intensas e vibrantes, que são a crystallisação de uma idéa e cujo successo firma o triumpho de uma nova escola, antolha-se-nos uma das mais francas e prometedoras tentativas do

romance de observação produzidas em nosso paiz.

O Sr. Pardal fez a sua primeira fatica na grande litteratura, evidenciando ter talento e ser viavel entre nós o naturalismo no romance.

Em synthese: si a observação muita vez foi falsa, si o contorno das figuras, dos typos, é vago e fluctuante, e si a vida não anima sempre os quadros, o *Hospede* conseguiu infiltrar-nos a esperanza de que o Sr. Pardal Mallet, melhor orientado pela convivencia com as obras primas do romance contemporaneo e continuando a inspirar-se no methodo fecundo da observação e experiencia, ha de crear novos productos d'arte, que pulentem o patrimonio litterario brasileiro e ganhem o favor extraordinario do interesse publico.

ABEL GARCIA.

VISÃO DO FUTURO

(SOBRE AS RUINAS DO TAPUIA NO AQUIRAZI)

A MARTINHO RODRIGUES

Ao pé de um velho templo escuro, abandonado,
Mergulhando o olhar nas sombras do passado,
Um dia solitario eu meditava assim:

«Uma immensa tristeza apossa-se de mim!
Tudo revela aqui miseria e decadencia
Move-se o coração, move-se a consciencia
Cheia de susto e dor.

Tudo parece escuro e cheio de terror,
Tudo revela a morte e tristes auguras!

Em torno a vastidão de lucidas planuras,
Os sonhos, a paixão, a vida, o movimento.
No templo o abandono, a queixa, o soffrimento,
O desespero, a morte: a nota do passado!

Eis a vida, eis o mundo, o quadro angustiado
Da insignificante existencia! Embalde se procura
Na noite parva e immensamente escura
Do passado uma luz! Medonhas afflicções
Seguidas de fúteis, cruéis lamentações
Regem teu movimento, oh triste humanidade!
Queremos caminhar (atroz fatalidade!)
É uma voz como que partida das cavernas,
Repete friamente as gerações modernas:
—Nem mais um passo além!— Colloca-se o passado
Em frente do futuro. E então, como atterrado,
Foge o anjo do amor, o anjo do porvir.
Já não têm mais luz, não sabem mais luzir
As idéas: e a mente escura, anniquilada,
Não entende da vida a grande caminhada!

O que são a grandeza e os sonhos da vaidade?
É triste, e misseranda a fraca humanidade.
No momento em que nos céos queremos levantar
A vista, procurando nos céos interrogar,
Já nos falta nos pés a terra em que pisamos.
Sem descanso, sem fô, proscriptos caminhamos
Em busca de um paiz que a vista não alcança.
Quando nos sorri o anjo da esperanza
E instantaneamente nos diz:—A terra do futuro
E já perto está alli— ergue o anjo impuro

Da descrença e no meio de gritos furiosos
Nos enche de terror e sustos pavorosos.

Vede aqui: hoje em terra um templo abandonado.
Outr'ora cheio de vida e todo illuminado,
Centro de vivo amor, de preces fervorosas
Tornou-se um antro escuro: e sombras pavorosas
Em vez da pura luz dominam nos altares.

A vida é uma serie infinda de penares.
Vejamos: ha aqui por cima o esplendor
Do céu: por baixo o pó e o quadro esmagador
Da triste solidão. É a forte ventania
Que traz da matta escura a voz rouca e bravia
Dos tigres e leões,
Soltando para o espaço enormes maldições,
Sacode com furor as portas despregadas
Do pobre templo; e então medonhas gargalhadas
Repete o echo ao longe, enquanto vão tombando.
Pôdres, se quebrando,
Roídas pelo tempo as negras fechaduras.

Quem pode penetrar o arcano das alturas?
Quem pode ler nos céos o enigma insondavel
Da vida e do universo? Um veio impenetravel
Abismo, envolve tudo. Ao pé de cada rosa
Um pó impuro a baba venenosa
Da morte, e tudo se marchando para o nada.
É a lactea sem tar fim, a via lactea desesperada
Dos seres, como que transbordando um clamor
Infindo a natureza. É um quadro de terror
O eterno caminhar da eterna agitação.
A flor, apenas vem sahindo do botão,
Desfaz-se e vira pó: e assim é todo o mais.
Não sabem entender os miseráveis seres
Seu longo caminhar: a onda do movimento
Do eterno movimento avança sem medida
E cresce e tudo leva e arrasta para a morte.

Embalde é que trabalha o homem p'ra ser forte.
A mão do tempo esmaga as nossas esperanças,
E os homens nada são... são miseráveis creações
Sempre, sempre a combater: enquanto o despotismo
Da força universal nos leva para o abysmo
Do pó e da solidão.

O mundo é uma tremenda, atroz lamentação.

Isto dizendo, um vasto, um grande movimento
Deu-se dentro do templo; e então meu pensamento

Wcou logo a vagar n'um mar tempestuoso,
Indomito, feroz, sombrio, impetuoso
De revoltas idéas.
Senti que respirava a luz das epopéas,
Evi que é um mysterio enorme a humanidade.

Do seio da velhice a loira mocidade
Bem como por encanto alegre ia saindo.
O templo fez-se novo, o céu ficou sorrindo.
Um grupo juvenil de fortes lutadores,
Erguendo-se com fe, por entre mil clamores,
No alto das ruínas,
Soltaram para o espaço estas canções divinas:

«Eis aqui o silencio, a negação da vida,
A triste solidão, a morte atterradora
Fazemos d'esta sombra immensa indefinida
Surgir a luz da aurora.

E' grande, é nobre, é bella a luta do futuro
Como um sonho ideal que leva para o céu.
Lutemos: em noss'alma o sentimento puro
Do ideal, não morreu.

A nossa patria chora: immenso patriotismo
Inflamme-nos a alma e faça-nos heroes.
Veremos que não é o mundo um negro abysmo,
Mas dansa de mil soes.

Em cada um de nós impere a mocidade,
Temos no peito fogo e ardor no coração.
Fazemos fulgar no seio da humanidade
A nossa geração.

Aqui a terra, o pó, misérias e ruínas,
Um quadro atterrador, sombrio como o mar;
Mas temos dentro d'alma inspirações divinas,
Podemos caminhar.

Marchemos e aqui, por cima das ruínas
D'esse templo, com forte e energico vigor
Cantemos o progresso e as crencas purpurinas
Da verdade e do amor.

Façamos d'esse templo a rocha do progresso
E diga cada um de nós: — hei de seguir! —
Bebamos nesta sombra a luz que dá ingresso
Pra os feitos do porvir.

Juremos com vigor em face do passado
Que temos força n'alma e paz no coração.

Esaibamos achar nas ruínas o legado
Da morta geração.

E assim sobre este chão gravemos nosso nome
E dentro de noss'alma, eterna juventude,
Affirmemos haver, que o tempo não consome
O sonho da virtude.»

O mar roncava ao longe, a terra estremeceu;
E logo illuminado o céu appareceu
De lucidos fulgores.
Era a aurora do bem: e um cantico de amores
Entoou suspirando o genio do futuro.

Desfez-se da incerteza o denso véo escuro;
Brillhou a luz no céu, tornou-se bello o mundo.
Era o puro ideal renovador fecundo
Do futuro, sublime, novo, illuminando
A humana consciencia. Então tornou-se brando
O sopro atreador da forte ventania;
E logo cheio de luz e cheio de harmonia
Esvoaçou no espaço o anjo da esperanza.

E eu disse: «E' necessario havermos confiança
Nos destinos do ser. Existe uma verdade
Grandiosa, immortal no seio da immensidade.
Existe o negro mal, existe o crime impuro,
As vezes faz-se o céu medonhamente escuro,
E isto nos faz crer que a vida é uma miseria.
Pensamos que no seio immenso da materia
Somente o despotismo impera: e proclamamos
A morte da razão. Mas logo si escutamos
A voz que vem da noite escura do passado,
Sentimos que d'ali um canto abençoado
D'esperança e de amor nos leva pra o futuro.
Então rebenta n'alma o sentimento puro
Do ideal: e se agita a alma como um mar.
A mente se levanta e tenta esvoçar
As altas regiões da luz e do insondavel.
Tudo se regenera e brada a consciencia:
— A virtude é o fructo eterno da sciencia,
Marchemos para o bem, marchemos para o amor. —
Faz-se o vasto universo então todo esplendor,
Revela a evolução do mundo social:
— Viver é caminhar para a extirpação do mal! —
E o mundo se concentra inteiro dentro d'alma.
Então é que se tem a verdadeira palma
Do progresso e da luz, do bem e da virtude:
Então é que se entende a voz da natureza,
Então é que se vê do cosmos a grandeza,
Então é que se tem eterna a juventude.»

R. FARIAS BRITO.

Historia natural

O CAFEIRO

Estavamos na serra da A-ratanha. Fazia frio e havia muita humidade no ar. O meu systema nervoso é um perfeito hygrometro: marco o estado hygrometrico da athmosphera pelo grau de mau humor que sinto. E' uma tortura para mim respirar uma athmosphera saturada de va-

por d'agua! Desde a vespera que eu estava aborrecido, não sei si devido somente á humidade ou tambem aos sobresaltos na ladeira. E' verdade que era boa, serrana a cavalgada em que fiz a ascensão, porém, por mais confiança que tivesse n'ella, não me podia dominar quando o estreito caminho subia pela crista de um alcantil e eu via abertos dois abysmos aos lados! Os meus nervos não se habituariam com aquelles precipicios. To-

das as vezes que fecho os olhos para não medir-lhes a profundidade admiro a coragem selvatica dos agricultores que por alli moram. Nem um desvio, nem um melhoramento nas ladeiras, que eu ha vinte annos conheço intransitaveis, mas intransitaveis somente para aquelles, que como eu não acreditam que o que tem de acontecer está escripto. Crentes d'esse estúpido fatalismo, sobem e descem todos os dias aquelles

precipícios, sem que o coração pulso por isso mais apressado.

O susto, enfim, estava passado.

Fazia-ro a colheita do café. A's cinco horas da manhã eu despertei ao ecoar do busio pelas quebradas da serra. Era o toque de reunir. O feitor convidava assim os trabalhadores para a festa do trabalho, mas do trabalho livre!

Levantei-me bem agasalhado no meu sobretudo e fui assistir a reunião dos apanhadores.

A nevoa como um immenso lençol envolvia tudo. Uma brisa preguiçosa a osculava de leve e fazia mais sensível a temperatura baixa da montanha. No pateo da vivenda o feitor distribuia cestos à gente da *apanha*. Homens, mulheres, meninos ainda somnolentos affrontavam a humidade vestidos de roupas leves. Era um quadro esplendido! Todos livres, sem receio do tronco, do chicote, acudiam ao primeiro signal de *alerta* para a festa do trabalho.

Senti uma consolação que me foi até a alma, recordando-me que nós tinhamos sido também soldados da cruzada da abolição!

E alem, na raiz da serra, dormia ainda a Pacatuba o placido somno da primeira comarca livre do territorio brasileiro! Parece-me ainda ouvir os hymnos festivos entoados no dia de sua emancipação! nas minhas retinas reflectem-se ainda os raios da aurora do dia 2 de fevereiro de 1883! E que de emoções não senti quando depois de quinze dias de um trabalho insano recebi da repartição de fazenda a certidão da emancipação da comarca; a certidão de que n'aquelle pedaço do Brazil não vivia mais um homem

escravo! Chorei de alegria!

Todos reunidos, desfilou o sadio cortejo aos sons harmoniosos da canção popular. Como era sublime aquella procissão! Galgavam as ladeiras com pé firme e sempre a copla, a lenda a suavisar-lhes as fadigas da ascensão.

Na mais fraternal convivencia seguiam para o trabalho, e nem uma desconfiança lhes vinha perturbar a paz, aquelle viver de irmãos!

Em breve desapareceram entre os alcantis e eu do pateo da casa ainda os admirava! Recolhi-me commovido e depois de termos tomado café saímos a passeiar pelo sitio.

O sol já estava alto e a serra ainda se conservava embuçada em seu manto de nevoa! Caminhavamos devagar admirando a variedade da *flora*, o luxo da vegetação. Os *piroas* excediam em porte as mais altas palmeiras. Muitas *parasitas* e *lianas*, floresciam agarradas ás hastes das grandes arvores. As *aristolochias*, as *orchideas* coloriam com suas corollas multicores parte da floresta. Os tons vivos, a extravagancia de formas assemelhavam nas a borboletas, a colibris. A' sombra das arvores colossaes viviam as hervas. Alguns *fetos*, entretanto, destacavam-se do tapete que cobria a terra pelo fino arrendado de suas folhas pennadas. Admirando os tinhamos entrado em um caramanchão feito naturalmente por *passifloraceas* enredadas a um grupo de cafeeiros.

O sitio era aprazivel, um pequeno regato deslisava entre rochas e *aroidas*. O vento havia varrido o nevoeiro, e o sol em pleno espaço, mesmo assim não penetrava n'aquelle sitio. Observamos os thesouros naturaes quando um phenomeno curioso nos cha-

mou a attenção: Um raio do sol aproveitando o desvio de uma folha havia penetrado alli como pela abertura de uma camara escura. Em seu caminho atravessou uma gotta d'agua, que tremia como uma lagrima no vertice de uma folha; a luz se decompõe e alem sobre a branca corolla de um lyrio silvestre o espectro solar se desenha com todas as côres do iris. Conheciamos a decomposição da luz, o phenomeno, portanto, não nos surpreendia; o que não cessavamos de admirar eram os movimentos do espectro, verdadeira dansa das côres, que se acelerava, quando a brisa baloiçava com mais força o galho que sustentava a folha. Estavamos n'esse entretimento innocente quando minha companheira chamou a minha attenção para um cafeeiro que perto de nós estava alvo de flores.

—E' uma floração temporã. —A' margem dos regatos, nos logares sombrios o cafeeiro está sempre em primavêra.

—Quão suave é o perfume de suas flores! Quantas recordações da infancia, meu amigo! cresci vendo todos os dias estes logares. O perfume das flores do cafeeiro por um d'esses caprichos do systema nervoso, por um d'esses mysterios da vida, fez minha alma caminhar vinte annos para o passado e mostrou-lhe as borboletas da infancia, as flores dos *camarás* que cresciam na ladeira e viam todos os annos os nossos prantos, as nossas saudades quando terminadas as ferias voltavamos para o collegio. Ah como era tranquillã a vida d'aquelle tempo! As illusões, as esperanças, os brinquedos infantis!...

—Conversemos sobre o cafeeiro já que a fragancia sua-

ve do suas flores teve o dom mysterioso de arrancar do ti-lina lagrima, mas uma lagrima pura, como as que se choram com saudades da infancia. Felizes os que tiveram-na e saudosos podem choral-a! Teria muito que dizer-te sobre essa epocha de minha vida, mas a historia do cafeiro interessa mais. Volta ao presente e verás o cafeiro não como vias no tempo que as flores dos camarás te viam chorar na ladeira. Hoje sabes que elle é um arbusto e n'aquelle tempo este nome te era estranho. As plantas são também classificadas e divididas conforme o seu tamanho. Justieu as divide em quatro turmas e assim: — «arvore a planta cuja estatura excede muitas vezes a do homem; *arbusculo* a que não excede cinco vezes; *arbuslo* a que começa a se ramificar a pouca distancia da base da haste e que não attinge tres vezes a estatura do homem; *sub-arbuslo* a que não excede ao cumprimento do braço do homem.» A esta divisão si o illustre naturalista me permittisse eu juntaria a turma das hervas, as quaes pouco excedem ao comprimento do pé do homem, duram pouco e predomina n'ellas o tecido cellular. O cafeiro pertence, pois á turma dos arbustos; suas flores são persistentes, oppostas, glabras, inteiras, simples, lanceoladas; suas flores são brancas, axillares, de corolla gamopetala regular, epigynca, com cinco divisões; seu calice é adherente com o ovario inferior por seu tubo, é gamosepalo persistente e com cinco divisões; os estames em numero de cinco alteram com as divisões da corolla; o pistillo termina-se por um estyigma bifido e o estylete que o sus-

tenta implanta-se em um ovario infere com duas lojas. O fructo é uma *drupa*, carnudo, e quando maduro cor de cereja, *indeshiscente*. A semente, que se conhece por café, é de cor cinzenta e é um grão plano convexo, tendo um sulco na face plana. O cafeiro é uma planta exotica da familia das *rubiaceas*.

—E o cafeiro é planta exotica?

—Pois não sabias que elle é oriundo da Ethiopia? Dar-te-hei algumas noções da historia d'este precioso arbusto, o qual constitue a maior riqueza agricola de nossa patria, porém antes quero completar o seu estudo botanico. O estudo da classificação das plantas pertence a uma parte da botanica chamada *taxonomia*. Os vegetaes tem também o seu nome de baptismo como o de familia. Quando queremos nos dirigir a uma pessoa na Europa, por exemplo, escrevemos o nome de baptismo, o de familia, a cidade, a rua, a casa etc.; assim faz o naturalista quando quer determinar uma planta, um animal; cita classe, familia, genero, especie, individuo. Querendo determinarmos o café, o nome da familia seria insufficiente, pois ha outros individuos importantissimos das *rubiaceas* como a quina, a ipecacuanha etc. Diriamos então: classe das gamopetalas inferovariadas, — familia das *rubiaceas*, — genero *coffaceas*, — especie *coffea*, — individuo *coffea arabica*.

—E os animaes também se classificam assim?

—São também classificados. Assim se quizermos determinar a onça preta do nossas florestas diremos: ramo dos vertebrados, — classe dos mamiferos, — ordem das carnivoras, — familia dos digitigra-

dos. — genero gato (*felis*), especie onça, — individuo *Felis nigra*.

—E como veio o café para o Brazil?

—Antes de sabermos como o importamos saibamos como veio elle da Africa para Europa.

«O café era usado pelos persas, pelos egypcios muito antes de ser conhecido dos europeus. Na provincia de Kaffa, em Abyssinia, vivia elle em estado selvagem e seus habitantes não uzavam-no; foi lá que pela primeira vez foi observado pelos europeus e talvez de Kaffa se originasse o nome de café. Da Ethiopia foi transportado para a Arabia e mais tarde perfectamente aclimado em Moka.

«Em 1517 o sultão Selim de volta da conquista do Egypto trouxe sementes do precioso arbusto, fez conhecido o seu uso, mas só em 1553 estabeleceram-se em Constantinopla os cafés publicos, onde se vendia a saborosa bebida.

«A Europa culta não o conheceu senão em 1600. Em Paris o primeiro café publico foi aberto em 1672 na feira de S. Germano por um armenio chamado Pascal, mas que resultado algum tirou. Annos depois abriu-se outro café na rua que tem hoje o nome de *Ancienne-comedie*, e d'esta data em diante os cafés appareceram por toda a cidade. Os primeiros cafeiros cultivados no jardim de Paris foram trazidos pelo capitão Déclieux. A dedicação d'esse bravo ás plantinhas, que mais tarde vieram a ser para nós e outros povos uma fonte de riqueza, foi immensa! Durante a longa derrota, quando a agua mal chegava-lhe para as necessidades da vida, elle com uma abnegação paternal, com ellas repartia a sua minguada ra-

ção, podendo assim salvar a uma d'ellas, a qual veio a ser progenitora de grande prole em Cayonna, Martinica e Bourbon. Transplantada para as possessões francezas, não tardou muito que o café fosse conhecido de toda a Europa. Aquella descoberta, entretanto, pelas dificuldades de relações custou muito a chegar até nós, a nós que possuíamos o solo mais apropriado á cultura do precioso arbusto. Só em 1760 chegaram ao Rio de Janeiro os primeiros cafeeiros trazidos de Goa pelo chanceler Castello Branco. Essas plantas foram distribuidas á pessoas de sua amizade, mas só uma escapou, a que foi plantada no convento do S. Thereza. Vingados os primeiros fructos, espalhará-se as sementes pelas provincias do Rio, Minas e S. Paulo e annos depois o Brazil apresentava-se nos mercados do mundo como o maior produtor de café.

—E qual a historia do café em nossa provincia

—A Aratanha é o berço do cafeeiro cearense. As primeiras plantas vieram em 1824, dizem que de Pernambuco ou do Pará e foram cultivadas na serra de Baturité. Domingos da Costa e Silva, indo áquella serra, trouxe alguns cafeeiros, que plantou aqui em seu sítio *Boacú*. Produziram admiravelmente o passo que os que haviam ficado em Baturité morreram. Annos depois a serra da Aratanha fornecia cafeeiros a todas as serras do Ceará. Animada a nova industria agricola pelo consumo interno, multiplicaram-se as lavras e em 1845 já a producção era superior ao consumo dos habitantes da provincia e começou a exportação que foi n'esse anno de 21,235 kilogrammas.

Hoje oleva-se a muitos milhões de kilos.

—E no sul, o plantio do cafeeiro é feito tambem nas serras?

—Não, o valle é perfeitamente aproveitado. O nosso clima, entretanto, não permite a sua cultura sendo nas montanhas.

—E o uso do café é universal?

—Não, muitos povos ainda não o conhecem. Nas cidades civilizadas da Europa mesmo, bem poucas pessoas tomam a infusão de café puro. É uma bebida preciosa que restaura as forças do organismo e o predispõe aos trabalhos do espirito. É a bebida da intelligencia. É os amadores de alem-mar que tantas vezes tem no decantado e pena que não conheçam o nosso café, o precioso café da Aratanha.

—E como falsificam o café?

—A fraude, a contrafacção não escapam hoje nem os generos alimentícios! A hygie ne publica, por mais sollicita, por mais vigilante que seja, as penas as mais rigorosas não impedem as falsificações. Entre nós o consumidor compra o café em grão e o prepara para seu uso, mas nas grandes cidades, brasileiroas mesmo, o café é comprado já torrado e então a contrafacção é inevitavel. No estangeiro falsificam-no com chicoria, nas nossas capitães populosas, com milho o arroz. Vendem então uma substancia na qual o café é representado por um terço e o milho ou o arroz por dois terços.

—E não ha processos para descobrir a fraude?

—Seria necessario uma analyse chimica. O principio activo do café é um alcaloide chamado *cafeina* analogo a

theina do chá e a *theobromina* do chocolate, com facilidade, pois, analisando se o café saberia-se si estava ou não falsificado.

—E o aroma do café é devido a cafeina?

—Não, é a um oleo pyrogeno desenvolvido pela torrefacção.

O sol já estava alto, as creadas subiam e desciam ladeiras nos procurando afim de avizarnos que o almoço estava servido.

Voltamos á vivenda.

Aratanha — Julho — 1887.

RONOLPHO THEOPHILO.

ESTATUTOS

DO

CLUB LITTERARIO

Art. I—O CLUB LITTERARIO tem por fim promover e activar o progresso intellectual de seus associados.

Art. II—Compõe-se de socios effectivos e correspondentes.

§ 1—Os socios effectivos são obrigados a pagar uma joia de \$5000 e a mensalidade de 2\$000.

§ 2—Os socios correspondentes não são obrigados a pagamento algum, mas têm o dever de auxiliar o club na consecução dos seus fins.

Art. III—A direcção do Club é confiada a uma meza composta de um presidente, um vice-presidente, dous secretarios e um thesoureiro, eleitos annualmente pela maioria dos socios presentes em sessão de assembléa geral.

Art. IV—Além das attribuições e deveres que decorrem immediatamente da natureza da instituição, cada membro da directoria e da commissão redactora fará semanalmente, e por escala organizada pelo secretario, o serviço interno da administração e fiscalisação do club.

Art. V—São podam ser socios do Club os homens dados ás letras.

§—Qualquer socio effectivo pode propor a admissão de socios. A directoria em sessão e por maioria de votos decidirá sobre a acceptação ou recusa do candidato proposto.

Art. VI—Os directores e socios effectivos que não comparecerem á sessão, a que são obrigados, salvo motivo justo apresentado previamente por escripto ou verbalmente por um socio que comparecer, in-

correrão na multa de 18000.

Art. VII—Haverá sessão da directoria todas as semanas, e da assembleia geral uma vez por mez.

Art. VIII—Para realisação de seu programma o Club manterá um organ na imprensa, promoverá conferencias publicas, procurará relacionar-se com os vultos da litteratura, das artes, e da sciencia. corresponder-se-á com as corporações congêneres do imperio e do estrangeiro, e intervirá perante os poderes publicos quando assim fôr necessario.

Art. IX—A direcção da folha ficará a cargo immediatamente de uma commissão redactora, que será eleita como a directoria.

§—As sessões da commissão de redacção serão convocadas e presididas pelo redactor chefe, que será sempre o mais votado.

Art. X—A directoria nomeará um guarda para o Club.

Compete ao guarda:

§ I—Abrir a casa ás 9 horas da manhã e fechala ás 9 da noite, ou depois dessa hora, quando lillo for determinado.

§ II—Accender e apagar a iluminação a hora conveniente.

§ III—Conservar a casa e moveis em estado de perfeito asseio.

§ IV—Provet-a de todos os pequenos objectos de expediente, cuja compra requisitará do thesoureiro.

§ V—Ter em boa ordem e guarda, à disposição dos socios, todos os livros e jornaes do Club.

§ VI—Avisar delicadamente aos socios que não é permittido conduzir do Club nenhum livro ou jornal.

§ VII—Cumprir as ordens da directoria e do director da semana.

Art. XI—Os socios que não pagarem as suas esportulas em tres mezes consecutivos, serão eliminados.

Art. XII—Todas as duvidas e questões não resolvidas por estes estatutos serão decididas conforme a natureza da instituição.

Sala das sessões do Club Litterario, em 11 de Setembro de 1887.

Juvencal Galeno, Presidente.

João Lopes, Vice-Presidente.

Justiniano de Serpa, 1.º Secretario.

Antonio Salles, 2.º Secretario.

Oliveira Paiva, Thesoureiro.

ANNUNCIOS

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

Joalheria. Relogios de todos os generos

Compram sempre **ouro velho** e moedas.

73--RUA DO MAJOR FACUNDO--73

LOTÉRIAS CEARENSES

GARANTIDAS

NOVO PLANO

Extrações todas as semanas, sem transferecia. Bilhetes à venda nas casas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.

LIBERTADORA

48--Rua da Boa Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso esmero, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.^{as} Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

CAFÉ JAVA

NO ELEGANTE KIOSQUE

DA

Praça do Ferreira

Em frente ao paço municipal.

Café fabricado a capricho.
Chocolate unico, como só aqui se fabrica.

Cerveja fria.

Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para o

CAFÉ JAVA

Manoel Pereira dos Santos.

GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria



Drogaria

RUA FORMOZA N.º 71

SILVA CARNEIRO & C.

Importadores

CASA DE COMMISSÕES

ARMAZEM DE ESTIVAS

MERCEARIA

Generos de superior qualidade por todos os vapores, directamente.

Sortimento de vinhos finissimos.

Rua Formosa-72

CONFUCIO

Unico estabelecimento especial em artigos para

Uso domestico

Louças, vidros, mobílias etc.
Objectos para viagens, brinquedos para crianças.

ARTIGOS PARA TOCOS

Utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc

59--Rua do Major Facundo--59

Motta Vieira & C.^a

88--M. jor Facundo--88

FORTALEZA

Importadores e exportadores.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

GERENTE—JOSÉ OLYMPIO DA ROCHA.

N.º 18

FORTALEZA, 15 DE OUTUBRO DE 1887.

REDACÇÃO :

JOÃO LOPES, JOSÉ CARLOS JUNIOR, ABEL GARCIA, A. MARTINS, OLIVEIRA PAIVA, ANTONIO BEZERRA, JUSTINIANO DE SERPA, PAULINO NOGUEIRA E MARTINHO RODRIGUES.

SUMMARIO

Expediente;
Sciencias naturaes. -- RODOLPHO THEOPHILO;
Luz e sombra.—FARIAS BRITO;
Minh'alma.—J. G. ;
Quinze dias.—J.L. ;
O urubú.—PAULINO NOGUEIRA ;
A engeitada.—F. CLOTILDE ;
Anuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

	CAPITAL
Trimestre.	2\$000
Semestre	4\$000
Anno	8\$000
	INTERIOR E PROVINCIAS
Semestre.	5\$000
Anno	10\$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 36

Sciencias naturaes

AR E ATHMOSPHERA

O espaço estava coberto de nimbos pardos, percursores do inverno. Mudos os alizeos; os cumulus cor-de-cobre acastellavam-se na simbria do horizonte.

Era o inverno que se aproximava e com elle a primavera que vestiria os campos. Nós o saudamos como o fertilizador da terra, o mensageiro de nossas alegrias, enquanto outros menos felizes esperam-no

desalentados porque elle traz consigo tristezas e pezares!

As nossas aves recebem-no cantando, cuidam dosinhos, celebram suas nupcias e sempre festejando-o porque elle creará a larva, o verme com que alimentarão os filhinhos durante a primeira infancia.

Aqui a vida por toda parte, o vegetal e animal entoam juntos hymnos festivos. E lá que monotonia! a natureza par ce tocada de morte, as arvores despidas de folhas e nem mais uma andorinha, emigraram todas! E quem se atreverá a affrontar o gelo?! Os que, como as aves, não podem fugir, procuram um abrigo no seio da terra. Outros hibernam, e, mortos apparentemente, esperam pelo sol da nova estação. O homem, mesmo com os recursos de sua intelligencia partilha d'aquellas tristezas.

Temendo o frio, a nortada, passa mais tempo recolhido e é obrigado a alimentar uma fonte de calor em seus aposentos para conservar uma temperatura em que possa viver sem inconvenientes para a saúde e até para a vida.

Observava o aspecto do céu da janela de meu gabinete e consultava o barometro quando entrou minha companheira

—Esperava te encontrar observando o barometro, pois sinto que a athmosphera esté muito pesada.

—Por achal-a leve é que o consulto.

—Então não sentes um ar abafado? Não vês o espaço como está coberto?

—O barometro desceu alguns graos em razão da athmosphera ter ficado mais leve.

—Não te comprehendo. Não sentes como está pesada? Os teus nervos não estão mal e tua respiração não está um pouco constrangida?

—Sinto todo isso, mas não é que a athmosphera pese mais sobre nós; pelo contrario, é porque o seu peso, a sua pressão diminuiu.

—E a athmosphera não tem sempre o mesmo peso?

—Não, nem sempre a sua pressão é a mesma. A athmosphera é um involucro gazoso tendo a espessura de setenta kilometros, pouco mais ou menos, dentro do qual está o nosso globo. Ella é formada de uma mistura de oxigenio e azoto, dois

gazes. Esta mistura é o ar athmosphérico, cuja composição foi descoberta pelo sabio chimico francez Lavoisier, no seculo passado.

—E até aquella data o ar athmosphérico não era conhecido?

—Os antigos tinham-no por um corpo simples, um elemento dos quatro que admitiam; a chimica moderna provou que elle não era um corpo simples e nem uma combinação ou corpo composto. A analyse qualitativa demonstrou que o ar era uma mistura de oxigenio e azoto; a analyse quantitativa provou que em um volume de ar havia setenta e nove partes de azoto e vinte e uma de oxigenio. Estas experiencias devem-se a Lavoisier, o sabio que encerrado no laboratorio devotava-se todo ao progresso da sciencia.

—Recordo-me de ter lido que na athmosphera existe acido carbonico e vapor d'agua. E qual a fonte que produz estes gases?

—A respiração dos animaes, das plantas, as combustões fornecem acido carbonico; a evaporação das aguas, o vapor d'agua.

—Então a athmosphera deve conter os em grande quantidade?

—A natureza é de uma harmonia perfeita. Para saberes porque a athmosphera não está saturada d'aquelles fluidos, basta te lembrar, que, se milhões de animaes e vegetaes incessantemente pela respiração trocam o oxigenio do ar pelo acido carbonico que expiram e misturam ao ambiente, se innumeradas combustões dão-se a superficie da terra a custa ainda do oxigenio do ar, o reino vegetal todo quando o sol desaparece e os animaes dormem, elle augmenta-lhes os elementos vitales, apodera-se do acido carbonico, que envenenaria-lhe a existencia, e troca-o por oxigenio, pelo gaz da vida. Os vapores que se elevam pela evaporação da superficie das aguas à athmosphera seriam sufficiente para satural-a d'agua, si não se condensassem e depois não se resolvessem em chuva. E' portanto muito pequena a quantidade d'aquelles gases misturada ao ar athmosphérico.

—E nos logares onde raramente chove e não ha vegetação é outra a composição do ar?

—Não, a natureza tudo preveniu. As correntes athmosphéricas são os

agentes encarregados de conservar as proporções dos corpos que formam o ar.

---E essas correntes movem-se impellidas por que força?

---Pelo calor. As correntes teem por causa as variações de temperatura e tanto é assim, que ora são brandas, suaves como as brisas, ora enforcadas, terríveis como os furacões. Quando a sua velocidade é regular longe do serem um elemento de destruição, são pelo contrario agentes mechanicos que prestam ao homem serviços relevantes. O pequeno lavrador serve-se do vento para mover os seus moinhos, tanger as suas machinas, do mesmo modo que os ricos industriaes servem-se do vapor d'agua. E ainda no seculo passado quando a força do vapor não tinha sido convertida em trabalho mecanico, quem levava os navios de um a outro continente eram as correntes aereas aproveitadas pelo homem por meio de obstáculos lançados em seu caminho, velas de diferentes tamanhos e formas. E um corpo sem côr, sem cheiro, sem sabor, tem em suas mãos o mundo organico, pois se elle desaparecesse da terra, poucos minutos nós teriamos de vida, e poucos dias os vegetaes que cobrem a superficie do globo.

---Dizes que o ar é sem côr e como eu vejo o céu, o espaço occupado por elle, colorido de um azul tão bello?

---Pela mesma razão que o mar é de uma côr verde-escura. Quem negará que agua é perfeitamente sem côr? Quem duvidará que o ar é incolor? Pois bem, vistos em grandes massas, tanto o ar como a agua, tem a côr que vês no espaço, no mar.

---E os seres vivos não poderiam viver em uma athmosphera de azoto, hydrogenio, acido carbonico ou de outro qualquer gaz que não seja o oxigenio?

---Não, o oxigenio é o gaz da vida e porisso chamado ar vital, ar do fogo. Sem elle a vida desaparece porque o sangue perde suas qualidades vivificadoras.

---E porque elle é também ar do fogo?

---Porque o fogo é d'elle que se alimenta. As combustões são feitas a custa do oxigenio do ar, como a hematose nos animaes, isso é, a troca de gases nos órgãos respiratorios. Quando tiveres de entrar em um lugar suspeito de ar viciado ou impróprio à respiração, toma a precaução de levar uma vela acesa. Enquanto a chamma se conservar viva, nada receies, mas quando a luz começar a enfraquecer, a bruxolear, foga porque está eminente um grande perigo, a luz apagando-se si tivesses ficado seria asphyxiada.

---O peso da athmosphera também não asphyxia?

---A falta de peso, a diminuição de pressão, sim. Viste que a athmosphera é um involucro gazoso e que como todos os corpos tem uma propriedade---a do peso. Os antigos acreditavam que o ar não tinha peso e portanto a pressão athmosphérica não existia até serem conhecidas as experiencias do Galileu provando o peso do ar. Elle pesou um balão cuja capacidade era de um litro de ar, depois levou-o machina pneumatica, fez o vazio e pesando de novo o balão verificou haver no peso uma diminuição de 1,3. Aquella differença de uma pesada para outra era portanto o peso do litro de ar.

---E o que é a machina pneumatica?

---É um aparelho destinado a fazer por meio de bombas o vazio em espaços limitados. Conhecido o peso do ar calculou-se o da athmosphera, a superficie da terra e os physicos accordaram que cada centimetro quadrado supporta uma pressão equivalente ao peso de mil grammas.

---E como o nosso corpo cuja superficie tem muitos centimetros quadrados não é esmagado pela athmosphera?

---É porque não só a pressão athmosphérica obedecendo as leis da hydrostatica, se exerce em todos os sentidos e com igual intensidade, como também pelas reacções dos fluidos elasticos encerrados em nosso corpo. Um homem de estatura regular tem uma superficie de 15,500 centimetros quadrados, supporta portanto um peso de 15,500 kilogrammas. E no entanto este peso não o incommoda, nem sequer o sente.

---E como pode-se saber que a pressão athmosphérica se exerce em todos os sentidos?

---Por experiencias muito simples. Que ella se exerce de baixo para cima eu provo já. Temos este copo cheio d'agua, que cubro com um pedaço de papel, unido bem o papel aos bordos do copo vou viralo de hocca para baixo. Nem uma gota cahiu! A pressão athmosphérica exercida de baixo para cima impediu que o papel se afastasse do copo e que a agua se derramasse.

---Estou convencida. E a pressão de cima para baixo?

---Toma-se um tubo de vidro de grosso diametro terminado em uma extremidade por uma rosca metálica e fechada na outra por uma membrana animal, uma pelle de camurça bem destendida. Adapte-se o tubo à machina pneumatica e faz-se o vazio. A membrana começa por deprimir-se sob a influencia da pressão athmosphérica e acaba por se romper com forte detonação, em

consequencia da entrada subita do ar.

---E como provar que a pressão se exerce também dos lados?

---Ainda servindo-nos da machina pneumatica. Toma-se um vaso de metal semelhante a uma compoteira, cuja tampa se ajuste perfeitamente bem. Adapte-se a machina e faça-se o vazio. Enquanto elle não se completa ainda se consegue levantar com esforço a tampa, depois é impossivel separar uma peça da outra, visto a pressão athmosphérica se fazer em todos os sentidos.

---E pode-se medir a pressão athmosphérica?

---Podemos com os instrumentos chamados barometros. Temos alli um de syphão ou de Gay-Lussac.

---E ha diferentes especies de barometros?

---Nunca menos de cinco. Estes instrumentos são feitos de mercúrio a excepção do mostrador ou aneroide. O nosso é de syphão e é, como vês, um tubo de vidro curvo em ramos desiguales, o maior é fechado na extremidade e cheio quasi todo de mercúrio, o menor é aberto apenas por um orificio que põe o ar em comunicação com o metal. O tubo é preso a um plano de madeira no qual está escripta uma escala em millimetros.

---Qual a utilidade do barometro?

---É um instrumento importante de physica, indispensavel às observações meteorologicas e a medida das alturas. Elle nos avisa as tempestades como o bom tempo. Podemos com elle medir a altura de uma montanha.

---E como?

---A pressão athmosphérica a proporção que sobe-se diminue e o barometro accusa essa diminuição baixando um millimetro por cada 10,^m 464,^{mm} de ascensão. Se quizessemos medir a altura da serra da Aratanha, não tinhamos mais que observar o barometro a raiz da serra e no seu ponto culminante, depois multiplicar os millimetros que desceu a columna por 10,^m 464,^{mm}, e assim teriamos a altura da serra.

---E a pressão athmosphérica diminue tanto assim?

---A sua diminuição é progressiva. E que encomodos sentimos com a rareficação do ar! Imagina o mal que nos causa pelo que sentes agora apenas com uma pequena depressão da columna barometrica! Nas altas montanhas da terra, nas ascensões aerostaticas é que tem se observado as pululações que produz no organismo a rareficação do ar! A respiração torna-se impossivel, o sangue impellido pelo coração não encontrando nos capillares a resistencia precisa escapa-se atravez das mucosas e produz hemorrhagias abundantes. A vida está em perigo e se o imprudente continua a ascensão a morte por asphyxia é a

consequencia do sua loucura.

---E já tem morrido alguém?

---Infelizmente muitos e alguns pagaram com a vida a sua dedicação à sciencia. Fazem dez annos que tres sabios em Paris subiram em um aerostato a observar a atmosphera. A ascensão foi rapida e a 8,600 metros de altura, o barometro tinha desci to a 0 30, o cortejo de symptomas aterradores manifestava-se e dois d'elles succum-

hiam asphixiados! O ultimo ja entre a vida e a morte por um esforço supremo fez descer o balão e chegou à terra enfermo trazendo os cadaveres de seus compacheiros.

---E se conseguissem transpor os limites da atmosphera?

---A vida lá é impossivel. No vacuo, em plena escuridão, nos espaços interplanetarios, embora fosse possivel alimentar uma atmosphera artificial que garantisse a vida,

como conservar o calor em um meio cujo frio é tão intenso que gela o proprio alcool? O espaço interplanetario, minha amiga, é apavorosa habitação das trevas e do frio.

Continuáramos a palestrar se não nos interrompesse a visita de uma familia de camponezes, que nos fazia a honra de sua apresentação.

Alto da Bonança, julho de 1887.

RONOLPHO THEOPHILO.

LUZ E SOMBRA

FRAGMENTO

Foi depois de uma noite escura e procellosa
Um vulto colossal de forma monstruosa
Mostrara-se ante mim e erguendo-se desforme
Fallara assim em voz atoadora e enorme:

«Eu sou o despotismo

Tenho dentro do peito a escuridão do abysmo
E tenho dentro d'alma um fogo abrasador.

Amo a noite sombria e as trevas pavorosas,
Amo o fumo voraz das guerras tumultuosas,

Amo a morte e o terror!

Treme, pois, de me ver, de ouvir a minha voz,

Treme ante o meu braço indomito feroz,

Treme espirito audaz que ousas affrontar-me.

Não ha nenhum poder que possa dominar-me,

Eu sou a noite escura, eu sou a força bruta

Com que a intelligencia inutilmente luta.»

Calou-se; mas tremeu o mundo e a natureza!

E eu reconhecendo a misera fraqueza

Do pobre ser humano, estremei de horror.

Não pude resistir ao peso do terror

E enquanto procurava em balde dominar

Meu corpo que tremia, a voz rouca do mar

Soltava para o espaço indomitos gemidos.

Cahi por terra então, perdi os meus sentidos.

Quando voltei a mim estava reclinado

Docemente, n'um chão de relvas tapetado

E flores perfumosas.

De luz se transformando em purpurinas rosas,

Vinha se levantando

O sol maravilhoso; e a terra se embalando

Como que ao soprar da brisa harmoniosa,

Calma, silenciosa,

Cheia de viva luz, de novo renascia.

O céu era risonho, o mundo parecia

Um grande templo aberto e todo illuminado.

Por cima o vasto céu, o espaço illimitado;

Por baixo um grande altar formado de montanhas.

E o mar a suspirar lamentações tamanhas

Que dir-se-ia gemer a propria natureza.

E então eu proclamei: — «E' eterna essa grandeza,

E' grande este poder!... Na evolução dos mundos

Ha mysterios sem fim, eternos e profundos

Que a intelligencia vã não pode penetrar.

Ha uma luz no abysmo, ha uma voz no mar.

Quem sabe de onde vem, quem sabe a direcção

Das cousas de seu corpo? A marcha, a evolução

Da força universal, deslumbra o pensamento.

E' grande, é gigantesco o eterno movimento

Das forças naturaes no seio da immensidade.

Mas é fraca e mesquinha a triste humanidade

Entregue ao despotismo indomito da dor:

E no meio de uma noite immensa de terror,

Não pode o ser humano um instante repousar:

Tendo dentro de si a agitação do mar

E' como pobre folha agreste, abandonada,

Pelos ventos crueis, miserima, arrastada

Atravez da poeira. Em balde se procura

Uma luz nessa noite immensamente escura.

O homem quer saber, revolve a profundeza

Dos mysterios da vida; e a crua natureza

Só lhe sabe dizer: — Recua, desgraçado,

Não podes penetrar no fundo emaranhado

Das essencias do mundo! —

E logo um veio profundo

Envolve a natureza e envolve a humanidade.

Não desce então dos céos nenhuma claridade.

Comtudo, nessa noite immensa, indefinida;

Nessa noite polar, por sobre a qual a vida

Ficou como um batel em mar tempestuoso

Tristemente a mover-se, um ponto luminoso

Brilha comtudo: é a flor das almas innocentes.

Que derramam o bem, que espalham as sementes

Da virtude e do amor.

E essa pêquena luz se muda em esplendor.

Cresce, cresce, se espalha e faz-se sol fecundo

Eleva a natureza e regenera o mundo.

Ha muita analogia entre as paixões humanas

E as forças naturaes, immensas, soberanas.

O crime é a noite escura, as sombras da caverna

A virtude é uma flor, uma alvorada eterna

No céu do coração. A alma tem auroras,

Tem manhãs idéaes, manhãs consoladoras

E tem noites horriveis, noites de explosões.

Ha flores dentro d'alma e ha negros vulcões.

O mal é como um negro horrivel pesadello,

E' a noite do bem, a extinção do bello,

A morte da razão, o imperio do terror.

Quando surge medonho o vulto atterrador

Do crime, empallidece a mente horrorisada,

Fica a face do mundo inteiro transtornada,

Torna-se a vida um cahos. E enquanto a tyrannia

Proclama a soberania

Dos abutres crueis, dos despotas sem lei,

Repete o crime atroz: — «Eu sou do mundo o rei,

E a lei que rege o mundo é o grito do canhão.

Forte, debes seguir! Fraco, não tens razão!

O direito é a força. E' um erro o sentimento

Da virtude e do amor. No eterno movimento

Da luta colossal dos seres sobre o seio

Do cosmos immortal,

A lei da vida inteira é — dominar o meio

E p'ra chegar aos fins é indifferente o mal.» —

Invencivel terror espalha-se medonho

Por sobre a natureza e um pavoroso sonho

Torna-se a vida. E então em frente a immensidade
Exclama a consciencia: — é um verme a humanidade!
Repete o egoismo: — é um erro a compaixão.
E proclama a sciencia a morte da razão.

Mas depois do terror da noite procellosa
Vem a doce manhã risonha e luminosa.
Por sobre o negro mal, por sobre a noite escura
Da maldade e do vicio, esmagadora, impura,
Fulgura a flor do bem.
O espirito não cansa, e vai, não se detem
Por cima do universo em busca da verdade.
O genio da virtude exclama: — avante, avante!
Para longe a descrença! — E vòa deslumbrante
Atravez da miseria, e salva a humanidade. —

R. FARIAS BRITO.

MINH' ALMA

Foi sempre assim minh'alma! Larga o corpo
Muitas vezes no dia e toda a noite,
Qual vadio rapaz fugindo á escola,
Da fêra sabbatina ao duro açoite.

Avesinha gentil, baixando á terra,
Se os rumores encontra da cidade,
Assusta-se e medrosa vò á selva,
Verdura procurando e soledade.

N'essa hora meu corpo é casa êrma,
Cujos donos passeiam não sei onde...
Venha embora a donzella mais formosa
Em procura de amor, ninguém responde!

Ou ninho abandonado nas escarpas,
Que voando o alcion devassa os mares...
Um casulo esquecido... a borbuleta
Entre as flores devaga... enfeita os ares.

E fugindo do corpo, a aventureira
Vai seisinando, meu Deus! Que desalento...
Qual virgem de cabello solto as auras,
Desatado vestido entregue ao vento.

Eil-a perto do mar, — resvala triste...
Sobre o dorso da onda após se deita...
Levanta-se depois sobre os abysmos,
Pulando os escarcêos já se deleita.

E atravessa o espaço, e canta as lutas,
Então da victoria o hymno ardente;
Mas voltando ao vencido... se mergulha
Do gemido infeliz no som plangente.

Immerge-se depois na luz etherea,
Qual donosa menina na vertente...
Penteia o seu cabello e vai sentar-se
Sobre as nuvens de tarde no occidente.

Em noites de luar não pára em casa,
Passeia na campina suspirosa...
Ou desce no regato murmurando...
E' seu leve batel folha de rosa.

Sóbe ao collo da bruma, e vai á serra;
Procura o precipicio, e se debruça,
Qual moça namorada na janella
P'ra ver o violão que já soluça.

E na matta se embrenha, a mais frondosa,
No cimo do rochedo escolhe flores...
E occulta pela nevoa enche os caminhos
Da serrana gentil de seus amores.

Abre as azas então á ventania,
A lanterna arrebatada ao pyrilampo,
E c'roada com as algas do riacho,
Dos grandes alcantis contempla o campo.

Ora triste a chorar, ora sorrindo,
Pensativa uma vez, outra cantando,
Ardente de manhã, de tarde calma,
Mas de noite saudosa soluçando!

Foi sempre assim minh'alma! Agora dizem
Que perdeu-se... não sei onde... enamorada...
Ai, d'ella o que será?! Lindas morenas,
Acolhei-a no seio... a infortunada!...

J. G.

OS QUINZE DIAS

Os meus leitores não hão
de querer, por esta vez, sepa-
rar-se do adjectivo *benevolo*
que os acompanha desde os
tempos immemoriaes em que
se perpetrou a primeira chro-
nica, para exigir que se mude
o titulo desta secção d' *A Quin-
zena*, só porque de 30 e não
de 15 dias é o periodo a chro-
nicar. Alteraria o expedien-
te e obrigaria a grandes es-
forços de memoria, a que não
me sinto disposto.

Fico, pois, dentro das duas
ultimas semanas e espero em

Deus e nas respigações pelas
folhas noticiosas achar com
que macular toda a alvura
das quatro tiras de almaço que
estão aqui a convidar-me á
confubalação com os que têm
a louvavel e evangelica pa-
chorra de ler-me.

Começo mencionando a e-
leição, recepção e reconheci-
mento de Joaquim Nabuco,
sua estrêa e triumphos no par-
lamento.

Esta revista aspira as hon-
ras de servir no futuro como
documento bibliographico e
historico, devendo, portanto,
registrar com escrupulo os fa-

ctos capitais de sua epocha.
E, pois, si ninguém contesta
que seja facto capitalissimo a
imposição feita pelo povo de
Pernambuco ao parlamento
nacional do ouvir a palavra e
contar o voto do glorioso ca-
pitão das hostes libertadoras,
é claro que deve entrar para
os nossos registros com todas
as devidas honras.

Eleito em competencia com
o governo representado na re-
speitavel pessoa do ex-minis-
tro do imperio, Joaquim Na-
buco foi reconhecido e procla-
mado deputado, sem embar-
gos de natureza alguma e a-